

SANTOS, J. R. dos., SOARES, P. R. R., FONTOURA, L. F. M. **Análise de conteúdo:** a pesquisa qualitativa no âmbito da geografia agrária. In: XXIV Encontro Estadual de Geografia. Santa Cruz do Sul - RS. UNISC. 2004. (Resumo Expandido)

ANÁLISE DE CONTEÚDO: A PESQUISA QUALITATIVA NO AMBITO DA GEOGRAFIA AGRÁRIA

Jefferson Rodrigues dos Santos¹
Paulo Roberto Rodrigues Soares²
Luiz Fernando Mazzini Fontoura³

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho de campo numa pesquisa em geografia agrária não pode concentrar-se somente na coleta de dados que sejam expressos através de percentuais, tabelas e gráficos. É preciso ir além, é necessário extrair dos envolvidos num determinado processo ocorrente no espaço agrário elementos relacionados às suas visões de mundo, seus hábitos, tabus, vivências e temores. Neste momento a perspectiva denominada “Pesquisa Qualitativa” apresenta-se como grande potencial analítico. O método de pesquisa denominado pesquisa qualitativa trata-se de um procedimento que não busca generalizar os resultados que alcança no estudo, criando com isso modelos que se pretendam universais. Conforme Triviños (2001, 83), a pesquisa qualitativa pretende apenas *“obter generalidades, idéias predominantes, tendências que aparecem mais definidas entre as pessoas que participaram do estudo...”*.

Acreditamos na pesquisa qualitativa como uma forma de maior aproximação da realidade. A análise de conteúdo por sua vez, reduz o risco de enquadrarmos forçosamente a realidade em modelos na medida em que, pelo procedimento que adota, permite que questões não suscitadas possam emergir no avanço da pesquisa.

A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Segundo Moraes (1999, 9) a análise de conteúdo constitui-se de uma metodologia de pesquisa utilizada na descrição e interpretação de documentos e textos das mais diversas classes. Através de descrições sistemáticas, ela ajuda o pesquisador a reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão mais aprofundada destas. Segundo Krippendorff (1990, *apud* Moraes, *op. cit.*, 10) *“em qualquer mensagem escrita, simultaneamente podem ser computadas letras, palavras e orações; podem categorizar-se as frases, descrever a estrutura lógica das expressões, verificar*

¹ Geógrafo pela FURG. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS.

² Prof. do Departamento de Geociências da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

³ Professor de Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

as associações, denotações, conotações e também formular-se interpretações psiquiátricas, sociológicas ou políticas.”

Entretanto, cabe a advertência de que, de certo modo, a análise de conteúdo trata-se de uma interpretação pessoal do pesquisador com relação aos dados. A leitura neutra não é possível na medida em que o método baseia-se na interpretação. Antes de nos questionarmos sobre a validade de uma abordagem desta natureza, na medida em que pesa sobre o pensamento científico a influência das idéias expressas no positivismo comtiano ou na vertente neopositivista de Carnap ou Hans Albert, para a qual a ciência deve apoiar-se na realidade empírica e ser independente de juízos de valor (Araújo, 1998, 175), devemos lembrar das palavras de Weber:

“... sem as idéias de valor do investigador não existiria qualquer princípio de seleção do material nem conhecimento dotado de sentido real enquanto individual; ademais, assim como sem a fé do investigador na significação de qualquer conteúdo cultural todo labor de conhecimento da realidade individual careceria simplesmente de sentido, do mesmo modo, seu labor estará orientado pela direção de sua fé pessoal, pela refração dos valores no prisma de sua alma.” (Weber, 1973a. *apud* Lazarte, 2001, 68)

Cabe citar ainda Habermas (Araújo, *op. cit.*, 174) segundo o qual nem as ciências naturais estariam livres da ideologia. Estas seriam impulsionadas pelo interesse técnico de dominação da natureza.

As fontes para a análise de conteúdo podem se constituir de quaisquer materiais oriundos da comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos e outros. É preciso estar ciente, contudo, de que este material chega ao pesquisador em estado bruto, precisando receber um tratamento para facilitar o trabalho de interpretação. Segundo Moraes (*op. cit.*, 12) nesta forma de abordagem, a definição dos objetivos geralmente se dá ao longo da investigação. Para o autor a pré-definição de objetivos está mais relacionada à abordagens quantitativas. Neste aspecto preferimos trabalhar com a idéia de objetivos definidos no impulso inicial da pesquisa, mas com a possibilidade da emergência de novos objetivos a medida em que a realidade se mostra através do material coletado. De qualquer forma, a análise de conteúdo exige a explicitação clara dos objetivos, para que os dados possam se selecionados de acordo com sua real utilidade para os mesmos.

A análise de conteúdo, embora admita um número ilimitado de abordagens, tem historicamente se enquadrado em seis questões básicas: 1) “*Quem fala?*” 2) “*Para dizer o quê?*” 3) “*A quem?*” 4) “*De que modo?*” 5) “*Com que finalidade?*” 6) “*Com que resultados?*”

Quando a análise de conteúdo objetiva “*Quem fala?*”, sua meta é a de investigar o emissor da mensagem. A partir desta, se procurará determinar características de quem fala ou escreve, verificando sua personalidade, comportamento verbal, valores, universo semântico, características psicológicas entre outras.

No caso da análise centrar-se na questão “*Para dizer o quê?*”, seu enfoque serão as características da mensagem, seu valor enquanto informação através de palavras e argumentos.

A análise orientada “*A quem?*” visa, a partir da mensagem, investigar o receptor, procurando inferir as características deste a partir do que lê ou ouve. Um exemplo interessante trata-se do conteúdo das propagandas de televisão e sua alteração ao longo da programação diária.

Ao analisar “*De que forma?*”, a pesquisa estará voltada para a forma pela qual se processa a informação, seus códigos, estilo, estrutura de linguagem e outras características do meio pelo qual a mensagem é transmitida.

Se o enfoque do estudo for “*Com que finalidade?*” o pesquisador questionará sobre os objetivos de uma dada comunicação, sejam explícitos ou implícitos. Nesta análise, focaliza-se novamente o emissor. Desta vez entretanto, procura-se captar as finalidades manifestas ou ocultas com que emite a mensagem.

Finalmente, ao focalizar “*Com que resultados?*”, procura-se identificar e descrever os resultados efetivos de uma comunicação. Considerando que os resultados não necessariamente coincidem com os objetivos, a pesquisa pode explorar as incongruências entre fins e resultados. Esta classificação dos enfoques da análise de conteúdo não impede que o pesquisador se utilize de mais de uma abordagem para sua análise.

O procedimento de aplicação da análise de conteúdo é composto basicamente por cinco etapas: *Preparação, Unitarização, Categorização, Descrição, Interpretação*.

A *preparação* consiste em selecionar as amostras de informação a serem analisadas. Neste momento é preciso decidir sobre quais amostras utilizar na medida em que estas precisam ser condizentes com os objetivos da pesquisa e cobrir de forma abrangente o campo investigado. Também é o momento de se codificar estes materiais para que seja possível identificar rapidamente cada elemento da amostra. Tal código poderá ser constituído de números ou letras que, a partir de então orientarão o pesquisador para que ele possa retornar a um documento específico quando assim o desejar.

O processo de *unitarização* é composto por quatro etapas:

Primeiro é necessário reler cuidadosamente os materiais com a finalidade de *definir* as unidades de análise. Esta trata-se do elemento unitário de conteúdo a ser submetido à posterior classificação. Definidas pelo pesquisador, as unidades de análise podem ser palavras, frases,

temas ou mesmo documentos integralmente. Pode-se, ao determinar a unidade de análise, optar por manter o material em sua forma integral ou dividi-lo em unidades menores. Esta decisão depende dos objetivos da pesquisa e do tipo de material a ser analisado. Em segundo lugar é necessário ler novamente e *identificar* as unidades de análise. Ao se realizar tal tarefa, deve-se codificar cada unidade estabelecendo códigos adicionais, associados à codificação pré-existente. Desta maneira os diferentes fragmentos provenientes de um mesmo documento poderão ser identificados como pertencentes àquele através do código. Na terceira etapa é preciso *isolar* cada uma das unidades de análise, ou seja, retirar o fragmento escolhido do texto integral para que se possa classificar tal fragmento. Isto deve ser feito reescrevendo-os, de modo a ficarem individualizados e isolados. Caso necessário, devem ser re-elaborados para que possam ser compreendidos fora do contexto original em que se encontravam. É preciso ter em mente que as unidades de análise precisam ser compreendidas por si só. Devem poder ser interpretadas sem auxílio de informações adicionais. Isto é importante já que nos momentos posteriores da análise estes serão observados fora do contexto da mensagem original.

Um fato inerente à ação de isolar uma parcela de um texto trata-se da perda de informação decorrente desta ação. Entretanto, o lado positivo desta, decorre da possibilidade de se poder analisar em maior profundidade tal fragmento.

Na quarta e última etapa, é preciso definir *unidades de contexto*. Estas são unidades maiores que as de análise e geralmente irão conter várias destas. Trata-se do contexto mais amplo de uma parcela do documento do qual foi extraído o fragmento. As unidades de contexto são importantes para que se possa retornar ao material de forma integral e analisar, quando necessário, o contexto no qual estava inserido um determinado fragmento.

Por sua vez, a *categorização* consiste em agrupar dados de acordo com a similitude que apresentam. Os critérios desta semelhança podem ser semânticos, o que origina categorias temáticas, sintáticos, definindo as categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos e outros. A categorização pode fundamentar-se ainda em critérios léxicos, entretanto, a categorização deve fundamentar-se em apenas um destes critérios. As categorias são o produto de um esforço de síntese, no qual extraem-se de uma mensagem seus aspectos mais importantes. As categorias podem ser definidas *a priori* ou surgir a partir dos dados. Em ambos os casos, o estabelecimento das categorias deve obedecer a um conjunto de critérios. Elas necessitam ser *válidas, exaustivas e homogêneas*. A classificação do conteúdo deve ser *mutuamente exclusiva e consistente*. Pormenorizadamente, significa dizer que a categoria *válida* é aquela condizente com os objetivos da pesquisa, ou seja, que sejam pertinentes e úteis ao trabalho. Neste aspecto, o pesquisador deve buscar o equilíbrio para que não precise recorrer à um número elevado de categorias, sem, ao mesmo tempo, deixar de abarcar temas necessários à análise.

O segundo ponto refere-se à *exaustividade* ou inclusividade. Dizer que um conjunto de categorias é exaustivo significa imputar a este a capacidade de abarcar todas as unidades de análise pré-selecionadas. Nenhum dado deve ficar fora da análise. Quanto à *homogeneidade*, as categorias devem ser fundamentadas em um único princípio ou critério de classificação. Se as categorias serão criadas a partir de temas, é inviável estabelecer alguma categoria a partir de palavras ou frases. É necessário também que cada unidade de análise possa ser enquadrada em somente uma categoria. Trata-se do critério da *exclusão mútua*. Finalmente, o critério da consistência evidencia a necessidade de clareza na definição dos critérios de classificação das unidades de análise. Isto significa dizer que, a partir dos critérios estabelecidos, será possível que dois pesquisadores distintos cheguem a resultados semelhantes no que diz respeito à classificação dos dados.

A *descrição* trata-se da etapa de comunicar o resultado do trabalho de identificação do material constituinte de cada categoria. No contexto da abordagem qualitativa, para cada uma das categorias será produzido um texto síntese no qual se expresse o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise. Citações diretas deverão ser utilizadas para exemplificar as informações.

A pura descrição das mensagens não basta. É preciso ir além, ou seja, é preciso atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo destas mensagens através da *interpretação*. Neste momento existem duas possibilidades de interpretação. Aquela realizada a partir de um arcabouço teórico constituído, ou através de uma teoria que emerge a partir dos próprios dados. Seja qual for o modo, a interpretação é o momento crucial da análise de conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nossa pesquisa referente à produção do trabalho de conclusão de curso, tivemos a oportunidade de experimentar esta metodologia. A análise de conteúdo mostrou ser um método de pesquisa de grandes possibilidades para a Geografia e em especial para a Geografia Agrária, podendo ser aplicada, à título de exemplo, entre agricultores assentados, acampamentos do MST ou entre membros de pequenas comunidades rurais, obtendo-se resultados muito satisfatórios. À medida que a pesquisa avança, novos elementos surgem, sem que o pesquisador tenha uma idéia inicial dos mesmos. A análise de conteúdo permite que o pesquisador os incorpore e aborde-os em sua pesquisa.

Distante da pretensão de se constituir de um guia de aplicação, este artigo propõe-se a divulgar a metodologia e seus fundamentos essenciais no meio geográfico a fim de fomentar a discussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 2ª ed. Curitiba. Ed. Da UFPR. 1998. (Série Didática)

LAZARTE, Rolando. **Max Weber: Ciência e Valores**. 2ª ed. São Paulo. Cortez. 2001. (Coleção Questões da Nossa Época)

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. Revista Educação. Porto Alegre. Nº 37. Março 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. **Bases Teórico-Methodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Idéias Gerais Para a Elaboração de um Projeto de Pesquisa**. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis. Vol IV. Nov. 2001. 2ª ed. Porto Alegre. Faculdades Integradas Ritter dos Reis. 2001.